



**GT – 08: GEOGRAFIA E APROPRIAÇÃO URBANA: ENSINO DE CIDADE E DAS
COMUNIDADES TRADICIONAIS**

**PRÁTICAS COTIDIANAS NA CIDADE COMO REFERÊNCIA PARA O
ENSINO DE GEOGRAFIA**

Tiago Felis Pinheiro
SEDUC - GO
tiagogeografia067@gmail.com

Janine Cordeiro Braga
SME – Goiânia - GO
janine.braga@gmail.com

Maria Eduarda Andrade de Faria
PPGH – USP/SME - SP
mariaeduarda.faria@usp.br

RESUMO:

Este trabalho tem por finalidade apresentar um breve recorte feito a partir de pesquisa de campo realizada como parte do trabalho de mestrado do primeiro autor, defendido em 2020, aqui com atualizações de dados e aprofundamento da discussão, juntamente a coautora. Aqui, buscamos refletir sobre como as práticas espaciais cotidianas dos alunos na cidade, podem ser apropriadas pelo professor de Geografia para ensinar os diversos conteúdos geográficos. A partir da pesquisa de campo, realizada junto a professores da educação básica em Goiânia – GO, buscamos evidenciar que a construção do pensamento geográfico, na escola, pode ser potencializada a partir da ação mediadora do professor, ao se apropriar intencionalmente, das práticas espaciais cotidianas dos alunos, na escala do lugar.

Palavras-chave: Cotidiano, Cidade, Mediação didática.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é um breve recorte de pesquisa realizada para construção de dissertação defendida em 2020, no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, com dados atualizados em 2024, sob o título “As práticas espaciais cotidianas na cidade Goiânia como referência para o Ensino de Geografia”. A pesquisa basilar buscou ampliar os conhecimentos a respeito de como o professor de Geografia da educação básica lida com os conteúdos na sala de aula, levando em conta as experiências do cotidiano dos alunos, enquanto habitantes da cidade. A intenção de refletir com maior clareza as questões referentes as práticas espaciais cotidianas dos alunos surgiu com o aprofundamento das leituras de Cavalcanti (2014; 2017) que ressaltavam a importância de pensar numa educação socioconstrutivista. Para tanto, nos propusemos a desenvolver experiências participativas, entre pesquisador e professores de Geografia, na perspectiva de encontrar caminhos que se mostrassem eficientes para potencializar o ensino de Geografia, a partir das experiências vividas pelos alunos na cidade.

Olhar a cidade enquanto construção humana é analisá-la sempre a partir das ações humanas que dão sentido à mesma, de forma que as práticas cotidianas de seus sujeitos são espaciais. Enquanto a cidade se refere à realidade arquitetônica, o urbano diz respeito as práticas sociais que são concebidas, materializadas a partir do cotidiano de seus habitantes. Carlos (2007) propõe o entendimento da cidade como construção humana, numa proposta de pensamento crítico e luta pelo direito à cidade. Assim a autora ressaltou sobre a cidade:

[...] a cidade é antes de mais nada trabalho objetivado, materializado, que aparece através da relação entre o “construído” (casas, ruas, avenidas, estradas, edificações, praças” e o “não-construído” (o natural), de um lado, e do movimento, do outro, tanto no que se refere ao deslocamento de homens e mercadorias quanto aquele referente às marcas que representam momentos históricos diferentes produzidos na articulação entre o novo e o velho. (CARLOS, 2007, p. 69)

Nesta perspectiva, ressalta-se a importância de pensar a cidade como realidade material, indo além de uma ideia de paisagem estática. A cidade aqui é interpretada a partir do movimento dialético entre espaço e tempo. O cotidiano na cidade é marcado por um ritmo acelerado e uma constante interação entre pessoas e atividades.

Tema bastante referenciado por pesquisadores em educação e em ciências humanas e sociais, o cotidiano tem aparecido, sobretudo nas últimas décadas, com bastante frequência, nos

estudos de Ensino de Geografia de importantes nomes no Brasil como Callai (2005), Cavalcanti (2002) e Castellar (2000), dentre outros. Estes autores versam sobre a importância de se considerar as experiências dos alunos, no campo do vivido na cidade, no processo de ensino – aprendizagem de Geografia de forma significativa.

Na sociedade contemporânea, diante de tantas temáticas e debates importantes sobre questões como política, meio ambiente, globalização, territorialidades, dentre outras, a Geografia se faz fundamental para pensar tais problemáticas do ponto de vista científico. A literatura geográfica tem despertado interesse não apenas de geógrafos, mas de vários outros profissionais dispostos a pensar de forma sistemática, questões de interesse da sociedade como um todo, que podem ser refletidas a partir do olhar geográfico. A geografia, enquanto ciência humana, busca refletir a respeito das questões relacionadas à sociedade, a partir da análise do espaço.

Pensar o espaço como categoria de base para o Ensino de Geografia é compreender que, a partir de uma reflexão sistemática sobre ele, é possível aprender os conteúdos geográficos com maior clareza. Levar em conta as espacialidades dos alunos, ao ensinar Geografia é considerar sua realidade, para entender que este mesmo espaço é dinâmico. Suas transformações precisam ser entendidas pelos alunos para que, percebam os conflitos existentes aí, e possam se reconhecer como agentes sociais, envolvidos no processo de construção ou reconstrução do espaço. O papel da Geografia na escola básica é proporcionar uma leitura espacial do mundo para que os alunos possam compreender que o lugar onde vivem é resultado das relações sociais e das relações entre sociedade e natureza. Callai (2005, p. 228) corrobora com esta ideia ao afirmar que:

Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos). (CALLAI, 2005, p. 228)

Aprender a pensar o espaço requer, primeiramente, aprender a ler o espaço; para isso o professor de Geografia poderá utilizar o cotidiano dos alunos como referência para pensar geograficamente. Acredita-se em um modelo de educação pautado no desenvolvimento das práticas cidadãs, assim sendo, cabe ao professor ensinar levando em consideração práticas

espaciais corriqueiras dos alunos, como seu deslocamento diário, atividades rotineiras, seus grupos sociais, a localidade de sua moradia na cidade, e assim por diante.

Ensinar Geografia, é mediar o processo de conhecimento desenvolvido pelo aluno, a partir de suas experiências pessoais, no campo do vivido, de sua realidade socioespacial, de suas práticas cotidianas na cidade. Concordamos com Cavalcanti (2017), ao ir ao encontro da teoria do espaço social de Lefebvre (2000), ao pensar a produção do espaço pelo viés da prática social. Assim sendo, difícil pensar em um caminho de construção do conhecimento em Geografia que não considere como fundamental a reflexão sobre as práticas espaciais cotidianas dos alunos na cidade, como referência para o aprendizado dos conteúdos geográficos.

Entendemos que as práticas cotidianas se revelam nas particularidades que cada indivíduo constrói com o lugar, na moradia, no trabalho, nas formas de se apropriar dos espaços públicos e privados; estas práticas estão naquilo que, no primeiro olhar, pode se tornar invisível ou irrelevante, mas que, numa análise mais profunda se revela em uma concepção totalizante de dada realidade socioespacial.

Em Lefebvre o cotidiano se manifesta na esfera do vivido; por permitir uma análise crítica do real, é tido como um conceito operacional. O cotidiano passa por mutações constantes, dependendo da época; o autor buscou retratar o cotidiano por intermédio da vida cultural da sociedade de sua época, sobretudo por meio dos três volumes da obra “crítica da vida cotidiana” (1958). Em sua lógica da produção do espaço, Lefebvre o descreve como lugar de reprodução do social, pensando assim em uma espécie de cotidiano programado por uma lógica de consumo dominante, em escala global, imposta pela mídia. Assim o autor pensa o cotidiano:

Em sua trivialidade, o cotidiano se compõe de repetições: gestos no trabalho e fora do trabalho, movimentos mecânicos (das mãos e do corpo, assim como de peças e de dispositivos, rotação, vaivéns), horas, dias, semanas, meses, anos; repetições lineares e repetições cíclicas, tempo da natureza e tempo da racionalidade etc. (LEFEBVRE, 1991, p. 24)

Pensar o ensino de Geografia por este caminho é considerar que cada escola possui seu próprio cotidiano, pois está em um contexto social, político e econômico específico dentro da cidade. O processo educacional vai sendo configurado a partir das influências em escala macro,

mas também em escala micro, que pode ser a escala do lugar, da vivência dos agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

O professor, enquanto mediador, tem a responsabilidade de estabelecer problemas, não oferecendo soluções prontas entre o aluno e o os conteúdos, tendo por referência suas práticas espaciais cotidianas, para assim, potencializar o ensino de Geografia na escola básica, independentemente de qual conteúdo geográfico estiver sendo abordado. Cavalcanti (2016) potencializa esta discussão ao levantar que:

A escola tem a função de “trazer” o cotidiano para seu interior com o intuito de fazer uma reflexão sobre ele por meio de uma confrontação com o conhecimento científico. Assim, deve estar estreitamente ligada ao cotidiano. (CAVALCANTI, 2017, p. 128b)

Assim a autora deixa claro que a Geografia Escolar deve preocupar-se com os conhecimentos dos alunos, formados a partir de seu cotidiano, para confrontá-los com os conceitos sistematizados, potencializando assim o raciocínio geográfico. Aqui, defende-se uma Geografia Escolar que articula teorias, conceitos e conhecimentos produzidos a partir da prática social dos sujeitos do processo de ensino aprendizagem.

Neste trabalho o Ensino de Geografia é refletido numa perspectiva de construção do conhecimento vinculado as práticas espaciais cotidianas dos alunos na cidade, como referência para ensinar. Pensar o Ensino de Geografia a partir da cidade, é entender a interação entre as diferentes escalas de análise e, ao mesmo tempo refletir sobre as questões sociais, políticas, ideológicas, econômicas e culturais que permeiam a vida urbana, para assim conectar teoria e prática, na cidade, contribuindo para a formação do pensamento geográfico. Sobre esta questão, Oliveira (2011) diz:

A construção do conhecimento sobre a cidade inclui, mas não se reduz ao conhecimento da vivência das práticas sociais urbanas cotidianas, há que se considerar também o conhecimento teórico sistematizado sobre essas práticas, ou seja, abstrair a realidade e pensá-la conceitualmente. (OLIVEIRA, 2011, p. 52)

Partindo desta concepção de construção do conhecimento sobre a cidade, surgem algumas questões: Como o professor percebe ou identifica os elementos do cotidiano dos alunos na cidade? Como é mediada pelo professor essa conexão entre o cotidiano e os conteúdos de Geografia? Quais elementos do cotidiano o professor se apropria para a construção do

pensamento geográfico por parte do aluno? Entende-se que estas são questões relevantes para uma melhor compreensão do ensino de Geografia, tendo no cotidiano da vida urbana as devidas referências para potencializar o pensamento geográfico.

2. METODOLOGIA

A pesquisa que deu origem a este trabalho foi realizada na cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás, tida ainda como uma cidade nova, pois a pedra fundamental para sua edificação data de 24 de outubro de 1933, quando o então interventor do Estado de Goiás deu a ordem para o início da nova capital, sob influência do período denominado como Marcha para o Oeste, desenvolvido pelo Governo Vargas, com o intuito de desenvolvimento e ocupação do Centro – Oeste. Cidade planejada para aproximadamente 50 mil pessoas, hoje conta com população superior a 1,4 Milhão de habitantes, sendo que sua região metropolitana conta com mais de 2,2 milhões de pessoas, interconectadas na malha urbana. Seu crescimento populacional se deu de forma acelerada a partir da década de 1960, sendo que, cerca de sessenta anos após sua fundação, a cidade já atingia a casa dos um milhão de habitantes. Esse aumento na quantidade de habitantes de forma rápida acabou por trazer problemas urbanos típicos das metrópoles, a cidade tornou-se dispersa e com grandes problemas de infraestrutura, trazendo à fisionomia da capital novos bairros inclusive em áreas impróprias para a moradia.

Na pesquisa aqui abordada, foram selecionadas junto à Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Goiânia (SME), três escolas municipais, que trabalham com o último ano do Ciclo II, correspondente a 9ª etapa dos anos finais de Ensino Fundamental. Cada escola em uma região diferente da cidade, apresentando assim, características distintas quanto a sua espacialidade e contexto social. As espacialidades das escolas foram consideradas para se pensar o ensino a partir das práticas espaciais cotidianas manifestadas no lugar dos sujeitos, ou seja, na realidade socioespacial que permeia a região da escola. Assim, utilizamos como campo de pesquisa, uma escola localizada em região considerada nobre e outras duas em bairros periféricos de diferentes regiões da cidade. O intuito era analisar se a localização da escola na cidade produziria diferentes resultados, uma vez que, as práticas cotidianas dos alunos também seriam diferentes em cada região.

A partir das primeiras observações, começou-se a perceber as questões referentes ao cotidiano dos alunos dentro do contexto socioespacial das escolas. As observações se deram dentro de todo o ambiente das unidades escolares, tentando perceber características da cotidianidade dos alunos que são levadas para o ambiente escolar em sua totalidade; assim, foram acompanhadas aulas dos professores de Geografia, a entrada e saída dos alunos da unidade escolar, recreio e intervalo na sala dos professores e nos corredores. A intensão era averiguar como as práticas espaciais do cotidiano desses alunos, na seara do vivido fora do espaço da escola passa pelos portões e adentra a mesma. Esse exercício prévio de observação justifica-se para, em um segundo momento, observar se o professor de Geografia tem feito esta análise e se apropriado do contexto da cotidianidade dos alunos que lhe é visível no ambiente escolar, para potencializar o ensino das temáticas da Geografia escolar, sejam quais forem elas.

A análise das observações sobre a realidade socioespacial em que os alunos das três escolas estão inseridos evidencia o fato de que, as práticas espaciais cotidianas dos alunos, embora possuam algumas características similares, se manifestam de formas distintas, de acordo com a região em que a escola está localizada. Em outras palavras, a centralidade da cidade, para estes alunos não está relacionada ao centro geográfico ou a centralidade comercial da cidade de Goiânia; o que aqui se chama de centralidade, está relacionado ao campo do vivido dos alunos, a representação do espaço. No espaço urbano da cidade de Goiânia, o que é central aos alunos é seu espaço de vivência, onde suas práticas cotidianas se materializam; eles veem a cidade a partir do seu bairro, da sua casa, da sua escola. Sobre esta dimensão, Spósito (2016) reflete:

[...] a centralidade não é propriamente, concreta; não pode ser vista numa imagem de satélite. É difícil de ser representada cartograficamente, por meio de delimitação de um setor da cidade; não aparece desenhada no cadastro municipal ou no plano diretor das cidades; não se pode percorrê-la ou mesmo vê-la, embora possa ser sentida, percebida, representada socialmente, componha nossa memória urbana e seja parte de nosso imaginário social sobre a vida urbana. (SPOSITO, 2016, p. 73)

Estas múltiplas centralidades que são produzidas pela própria segregação espacial urbana devem ser consideradas ao se ensinar Geografia na cidade. Essa segregação impacta diretamente o cotidiano dos alunos pois está relacionada a moradia, acessibilidade, segurança pública, rede de comércio e lazer. Portanto, está atrelada ao modo de viver a cidade. Cabe ao professor de Geografia mediar a construção do pensamento geográfico a partir dessa ideia de

(re)produção do espaço urbano, vendo o aluno como sujeito ativo no processo de ensino – aprendizagem.

Esta pesquisa partiu do pressuposto de que é possível, ao professor, ensinar qualquer conteúdo da Geografia Escolar, na segunda etapa do Ensino Fundamental, tendo como referência as práticas espaciais cotidianas dos alunos, numa perspectiva de construção dos saberes de forma crítica, para a cidadania. Tendo em vista que, os alunos pertencem a um meio social, onde exercem influência ao mesmo tempo em que são influenciados pelo mesmo, cada aluno, dentro de seu contexto social, econômico, político, religioso e cultural passa a assumir identidade própria, sendo esta, essencial para se refletir sobre o espaço geográfico, campo de análise por onde perpassam, juntamente com as principais categorias de estudo da Geografia, os conteúdos escolares.

A etapa seguinte da pesquisa se deu com a observação das aulas dos professores de Geografia. Sobre os conteúdos abordados nas aulas, foram diversos, com abordagens diversificadas, dependendo da série e da turma. A longa etapa de observação participante – aproximadamente 5 meses – foi essencial para se averiguar uma questão fundante: é possível ensinar qualquer conteúdo de Geografia tendo como referência as práticas cotidianas dos alunos? Caso a resposta seja positiva, como o professor identifica esses elementos do cotidiano e os conecta aos conteúdos abordados?

Diversas temáticas foram abordadas ao longo dos meses de observação: Geografia de Goiás; ocupação de terras pela agropecuária; construção e interpretação de gráficos; exploração do trabalho infantil; contextos da América Latina; características físicas do Nordeste; espaço agrário; regiões metropolitanas; relação cidade-campo; litosfera; recursos naturais; geopolítica e globalização; relações Brasil África e outras.

Todas essas temáticas e conteúdos foram explorados pelos professores, algumas nas três escolas, outras em apenas uma. A maioria em séries distintas do ciclo II ou III, muitas das temáticas perpassaram por diferentes turmas da mesma série, chegando a resultados distintos, a depender de como o professor conduziu o processo de construção do saber e da receptividade dos alunos para com o conteúdo.

Alguns conteúdos notadamente ganharam maior destaque quanto ao interesse por parte dos alunos em discuti-los. Acreditamos que um dos fatores que levaram a esse interesse

especial, foi a proximidade das discussões com a realidade vivida pelos alunos, corroborando assim com a análise feita por Callai (2015), em que a autora justifica a importância do professor saber se apropriar dos conteúdos e os conectar ao cotidiano dos alunos, para lhes dar significado, despertando o interesse deles.

Percebeu-se de forma mais explícita que os conteúdos diretamente relacionados à cidade e ao urbano foram as temáticas em que os professores tiveram mais facilidade em trazer para a realidade próxima dos alunos. Dessa forma, as aulas em que o conteúdo era, por exemplo, “regiões metropolitanas”, despertaram muito interesse nos alunos, tendo em vista que os três professores iniciaram as discussões problematizando sobre os conhecimentos que os alunos já tinham a respeito dos problemas urbanos que eles percebem na Região Metropolitana de Goiânia (RMG).

Outra experiência positiva aconteceu quando a professora buscou trabalhar “diversidade cultural e relações Brasil-África” com a turma correspondente ao 9º ano, por intermédio de seminário. Ao problematizar as discussões, trazendo para o debate as experiências vividas pelos alunos, a professora conseguiu despertar o interesse deles que, discutiram com maior profundidade a temática, relatando experiências pessoais sobre temas mais complexos que foram se desdobrando, como “apropriação cultural” e “preconceito religioso”, a partir de suas vivências. Vale ressaltar que esta é a etapa final da educação que está aos cuidados da prefeitura, portanto os alunos já estão entrando na adolescência, conseguindo assimilar os conteúdos e os refletir com maior profundidade.

Também foram vivenciadas aulas em que o professor acabou não atingindo como esperado as expectativas de aprendizagem propostas em seu plano de aula. Isso porque, acredita-se aqui, que os conteúdos acabaram não adentrando a seara das práticas cotidianas dos alunos de forma significativa aos mesmos, o que pode ter potencializado o desinteresse dos mesmos por determinadas temáticas. Ficou evidenciado assim, que ao não recontextualizar os conteúdos para o plano ao lugar, das experiências vividas pelos alunos, o professor acabou encontrando um entrave no processo de ensino – aprendizagem.

Todos estes entraves observados durante a pesquisa e aqui já mencionados servem de argumento para sustentar a ideia da importância de se pensar em aulas de Geografia em que o

conteúdo tenha um significado real para os estudantes. É aí que entra a escala do vivido, das práticas cotidianas na cidade, que servem como referência para se ensinar Geografia.

Uma possibilidade de Ensino de Geografia bem-sucedido é por intermédio da mediação didática como forma de conectar os conhecimentos trazidos pelos alunos, a partir de seu cotidiano, para a sala de aula, aos conteúdos da Geografia Escolar. Entendemos que o aluno é sujeito ativo no processo de construção do conhecimento, cabendo ao professor buscar caminhos para ensinar o aluno a pensar, a partir dos conteúdos geográficos, potencializando assim a construção do conhecimento.

A mediação didática é o fenômeno em que o professor intervém nos processos mentais construídos pelos alunos. O professor propicia o desenvolvimento cognitivo dos seus alunos, na relação ensino aprendizagem, através dos encaminhamentos metodológicos adequados, conectando os conhecimentos dos alunos à construção dos conceitos, como nas palavras de Libâneo (2015, p.13-14), concebida como mediação didática:

[...] é fundamental a unidade entre o aprender e o ensinar, em que o professor atua na direção da atividade autônoma dos alunos para se apropriem dos produtos da cultura, da ciência, da arte, constituídos ao longo da experiência humana. Este processo é designado mediação didática, isto é, mediação das relações do aluno com os objetos de conhecimento (processo de ensino aprendizagem), em contextos sociais e culturais concretos, em que se articulam o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos.

Portanto, por intermédio da mediação didática, o professor, neste caso de Geografia, poderá potencializar o desenvolvimento da mediação cognitiva dos seus alunos, estabelecendo relações entre os mesmos e o conteúdo geográfico. O professor como mediador, potencializa esse processo ensino-aprendizagem, ao promover a interação dos saberes trazidos pelos estudantes e as temáticas propostas pelos documentos curriculares. A partir do encontro dos saberes oriundos das práticas cotidianas dos alunos na cidade com os conhecimentos da ciência geográfica, se abre uma gigantesca possibilidade de compreensão clara do espaço vivido pelos sujeitos. O professor tem, portanto, nas mãos a responsabilidade de ensinar os conteúdos escolares, considerando o conhecimento acumulado por seus alunos, dando-lhes assim condições de atuarem com protagonismo na sociedade.

3. RESULTADOS

Para que o professor tenha as práticas cotidianas dos alunos como referência no Ensino de Geografia, não basta apenas se apropriar desse cotidiano, é preciso que ele se torne, de fato, um importante elemento de aprendizado dos alunos sobre seu espaço vivido. Para isso é função do professor mediador saber como colocar os alunos em contato interativo com sua realidade vivida.

Na etapa final, propusemos aos professores que planejassem uma sequência de aulas, utilizando como base a proposta de Cavalcanti (2014), para mediação didática nas aulas de Geografia, tendo o cotidiano dos alunos como referência.

Em consonância com as bases vigotskianas sobre mediação, Cavalcanti (2014), propôs uma representação de como pode se dar um processo de mediação didática em Geografia, com base em elementos que compõem o ensino de Geografia. A pesquisadora propõe uma representação pautada em três etapas chamadas problematização, sistematização e sintetização. De forma genérica, assim Cavalcanti (2014) descreve os três processos:

- a) Problematizar: Por que é importante aprender esse tema/conteúdo? O que já se sabe sobre ele? Como é a experiência cotidiana em relação a ele?
- b) Sistematizar: Discutir as características do tema; conhecer informações e aspectos sistematizados pela ciência; situar o tema dentro de um conjunto classificatório da temática; fixar características, aspectos e classificações estudadas.
- c) Sintetizar: Refletir sobre a temática estudada; levantar aspectos compreendidos e não compreendidos do tema; apontar possibilidades de contribuição daquele estudo para a vida cotidiana; elaborar questões para o avanço do conhecimento do tema.

Esta concepção de mediação didática se mostra como um bom caminho para se pensar no Ensino de Geografia, considerando as práticas cotidianas dos alunos na cidade. Nos três momentos apresentados por Cavalcanti, os elementos da cotidianidade dos alunos podem se fazer presentes, demonstrando assim que, este cotidiano perpassa por toda a aula de Geografia, sendo conectado ao conteúdo e aos conceitos geográficos, contribuindo, portanto, significativamente, para a construção do pensamento geográfico.

A proposta apresentada por Cavalcanti pode seguramente ser adaptada para os mais diferentes procedimentos metodológicos das aulas de Geografia, como aula expositiva, seminário, aula de campo, trabalho em equipe, estudo de caso, e assim por diante. Cada conteúdo requer uma estratégia diferente, assim como cada turma, de cada escola, também precisa de estratégias específicas para que o professor possa cumprir seu papel de mediador. O modelo apresentado pela referida autora não engessa o ensino em uma fórmula pronta, mas apresenta uma possibilidade de conduzir o aluno ao seu papel de protagonista do próprio saber, independente do conteúdo ou da metodologia a ser utilizada, endossando, portanto, o princípio deste trabalho ao afirmar que, é possível ensinar qualquer conteúdo da Geografia escolar, tendo como referência as práticas cotidianas dos alunos na cidade.

A etapa de observação participante pôde evidenciar que, os elementos referentes as práticas espaciais cotidianas dos alunos mais apropriados pelos professores ao conduzir as aulas de Geografia são aqueles que dizem respeito ao conhecimento espacial dos mesmos sobre a cidade, sua circulação pelos bairros e regiões, bem como seu entendimento quanto aos problemas urbanos percebidos pelos alunos. A partir desses elementos, dentre outros, os professores buscaram mediar a construção do pensamento geográfico, inter-relacionando estes conhecimentos trazidos da cotidianidade dos alunos com os conceitos da ciência geográfica.

A pesquisa apontou para a ideia basilar de que, todas as vezes que os professores se portaram como mediadores do processo de ensino-aprendizagem, de forma intencional, se apropriando dos elementos do cotidiano dos alunos para pensar os conceitos e conteúdos da Geografia, houve maior interesse dos alunos, potencializando assim, a possibilidade de aprendizagem efetiva e significativa.

Quando os professores, por diferentes motivos, adoram estratégias de ensino que se distanciaram da realidade vivida pelos alunos, adotando, por exemplo, metodologias mais tradicionais, aparentemente, o processo de ensino-aprendizagem encontrou maiores obstáculos para se desenvolver, como por exemplo, maior desinteresse dos alunos que, muitas vezes não encontravam significado naqueles conteúdos, não estando, portanto, dispostos a refletir os conceitos com maior profundidade.

A aprendizagem significativa dos conteúdos da Geografia aconteceu quando os professores se propuseram a repensar sua prática, buscando aprofundar seus conhecimentos

sobre a ciência geográfica e sobre as questões inerentes a didática. E mais, munidos desses conhecimentos, se dispuseram a mergulhar no universo dos alunos, tentando entender sua visão de mundo, para, posteriormente, buscar estratégias de ensino que de fato, considerassem toda essa experiência cotidiana dos alunos na cidade, para pensar geograficamente.

Essa ação mediadora dos professores não foi fácil de ser executada, mediar com sabedoria a construção do conhecimento na escola é tarefa complexa, sobretudo em disciplinas como a Geografia, que podem acabar se perdendo na trivialidade das discussões sobre as práticas cotidianas, esquecendo-se de acrescentar no debate, os conceitos e conteúdos escolares que levarão o aluno a de fato, pensar geograficamente.

O professor, portanto, é o mediador da relação entre o aluno e a construção do conhecimento, por intermédio dos conteúdos, sendo o aluno o sujeito e o conteúdo, o objeto. O professor se utiliza dos conteúdos para potencializar a aprendizagem dos alunos por si mesmos, aprendendo a pensar. Embora este seja um processo coletivo, haja vista que, nas escolas as turmas são formadas por dezenas de alunos, seu resultado é subjetivo, o processo se dá internamente, de formas diferentes em cada aluno.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atualidade, faz-se necessário e urgente pensar em um Ensino de Geografia no qual os conteúdos tenham significado aos alunos. Certamente, um bom caminho para a consolidação dessa perspectiva é a apropriação, por parte do professor de Geografia, dos conhecimentos cotidianos dos seus alunos na cidade, para mediar a transformação dos conceitos advindos dessa cotidianidade em conhecimento significativo.

Os elementos do cotidiano dos estudantes na cidade servem de referência para se ensinar qualquer conteúdo da Geografia Escolar, não somente aqueles relacionados às temáticas da cidade, desde que o professor tenha clareza quanto ao seu papel de mediador e consiga se apropriar desses elementos cotidianos trazidos pelos alunos.

Ao se posicionarem como mediadores do processo de ensino-aprendizagem, os professores, norteados pela proposta de mediação baseada no tripé problematizar, sistematizar

e sintetizar, conseguiram chegar aos objetivos propostos em seus respectivos planos de aula, com maior grau de sucesso. A proposta, portanto, mostrou-se eficiente em uma perspectiva de se utilizar o cotidiano dos alunos na cidade, como forma de potencializar o ensino de Geografia.

Os elementos aqui levantados servem de base para futuras indagações sobre o ensino de Geografia: o professor de Geografia, de fato, ao finalizar sua graduação, tem ciência do seu papel como mediador do conhecimento? E como ele aprende a mediar? A formação acadêmica do professor pode evoluir em quais pontos para que ele de fato, tenha clareza quanto aos elementos da ciência geográfica e os da geografia escolar? Na atual realidade dinâmica e mutável do perfil dos estudantes no Brasil, como pensar em novas metodologias que considerem o tempo todo, o aluno como protagonista do próprio saber?

5. REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. Temas e Conteúdos no Ensino de Geografia. In: RABELO, K. S. de P.; BUENO. **Currículo, Políticas Públicas e Ensino de Geografia**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015. p. 213-230

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: labur edições, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de Geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sônia (org.). **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. 3.ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017

CAVALCANTI, Lana de Souza. Espaços da cidade e jovens escolares: por que é tão importante conhecer a espacialidade desses sujeitos da aprendizagem geográfica? – In: **Educação geográfica: temas contemporâneos** – PORTUGAL, Jussara Freire (org.) – Salvador: EDUFBA, 2017.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A metrópole em foco no ensino de geografia: o que/para que/para quem ensinar? In: PAULA, F. M. A.; CAVALCANTI, L. de S.; SOUZA, V. C. (orgs.). **Ensino de geografia e metrópole**. Goiânia: Gráfica e editora América, 2014.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Editora Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace). 4. E. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Formação de professores e didática para desenvolvimento humano**. Educação & Realidade, Porto Alegre, Ahead of print, 2015.

OLIVEIRA, Karla A. T. de O. A cidade como um saber do professor de Geografia. In: **A cidade e seus sujeitos**. CAVALCANTI, L. S.; MORAIS, E. M. B. (Orgs.). Goiânia: Editora Vieira, 2011.

SPÓSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: **A cidade contemporânea: segregação espacial** – VASCONCELOS, P. A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (Orgs.) – 1. Ed, 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2016.